

A VIOLÊNCIA VAI DE TÁXI

Taxistas contam os
momentos de horror que
viveram nas mãos de criminosos

**Profissionais
do sexo
por vocação**

**Mulheres
que ignoram
a vaidade**

**Socorro
imediatamente
do Samu**

**A rotina
das 'bombas'
nas academias**

**A onda dos
namoros
a distância**

Editorial

Texto em estilo magazine

Os estudantes de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) voltaram das férias e apresentam aos leitores de Campo Grande suas experimentações no texto jornalístico em estilo magazine.

É a nossa edição anual Revistão Em Foco. Saem as reportagens setORIZADAS de cada editoria, com um texto marcado pela objetividade e entram as reportagens mais aprofundadas de temas comportamentais e polêmicos na sociedade. É informação que

entretém e dá destaque ao lado humano do nosso mundo.

Você sábio leitor já deve ter notado a diferença entre ler um jornal impresso e uma revista. Para ela nosso caro leitor sempre destina mais tempo de sua companhia, afinal as reportagens de uma revista além de lhe informar dão prazer em ler. O estilo magazine conquista os leitores com seu jeito desamarrado de tratar os fatos. O tratamento é diferente, jornais diários vão para o chão do carro após as lavagens, revistas viram itens de coleção.

ANALFABETISMO

Véu que encobre olhares

Evillyn Regis

Foto: Evillyn Regis

Juntos - Margarida e Mário chegaram a 3ª idade sem ler e escrever

Os personagens que estão sendo retratados não estão lendo essa matéria, provavelmente quem faz a leitura, uma triste realidade. Porém, eles sabem que não são os únicos que não têm oportunidade de ler o que está escrito neste jornal. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em outubro de 2008, há 14,1 milhões de brasileiros analfabetos, e Margarida Possobom Tauffer, e seu esposo Mário Tauffer, ambos nascidos no Estado do Espírito Santo, fazem parte deste mundo.

Ela é nascida em 09 de novembro de 1936, na cidadezinha de Itapemirim, hoje com 72 anos de idade, 53 de casada e há 15 anos recebendo aposentadoria por idade, as marcas existentes no rosto de dona Margarida descrevem o espírito guerreiro que carrega consigo desde a sua infância. “Com sete anos eu já fazia serviço de casa, porque minha mãe era aleijada, depois eu ia pra roça trabalhar, foi uma vida muito sofrida. Fui apenas seis meses na escola, eu só sei escrever meu nome, lembro que quando chegava a hora do recreio eu tinha que sair pra fazer almoço pra levar na roça para meus outros irmãos”. Perguntando depois como foi essa realidade na fase adulta, ela responde:

“Quando mais nova, minha filha, sempre fiz serviço de banco, eu levava tudo anotadinho e pedia a Deus pra me ajudar a falar com as pessoas e

pra colocar sempre a pessoa certa no meu caminho e elas sempre me ajudavam, só que mesmo assim eu ficava muito triste, pois via todo mundo tirando dinheiro e eu não sabia, tinha que esperar vir um funcionário me ajudar”, comenta com emoção.

Neste momento, seu Mário que hoje está com 75 anos, compartilha da conversa da esposa e diz que passou pelos mesmos sofrimentos. “Meu pai largou minha mãe quando eu tinha dois aninhos, minha mãe saiu na estrada com cinco filhos e ela soube criar muito bem a gente, como ela tinha que trabalhar, ela deixou a gente com outras pessoas e quando eu tinha 12 anos, ela juntou todos nós e fomos pra roça pra trabalhar, foi nessa época que eu sai da escola, eu fui o único da minha casa a ir à escola e mesmo assim só fui quatro anos, a escola ficava 2 horas e meia da minha casa e naquela época era bem difícil uma condução”.

Seo Mário aprendeu a lidar com os números dentro de casa. “A minha derrota é que eu não aprendi a ler, eu só aprendi a fazer conta, menos a de dividir, porque como eu era o único que tinha ido à escola, minha mãe exigiu que eu soubesse a fazer as continhas por conta do trabalho na roça”, expõe sem pressa o aposentado.

Dados

A pesquisa do IBGE divulga que em Campo Grande o índice de analfabetismo tem evoluído em um ritmo maior, passando de 213 mil para 223 mil pessoas que não são alfabetizadas.

Estes dados fazem parte da realidade desses personagens, e mostram a dificuldade e ex-

cesso de confiança que eles obrigam a depositar em alguém que não conhecem, como por exemplo, o caso de efetuar serviços bancários: algo que é tão sigiloso e pessoal, neste momento ocorre uma exposição que os deixam frágeis, tornando-se presas fáceis de criminosos.

Mesmo que tenham que enfrentar várias dificuldades o casal protagonista deste relato se orgulha das conquistas alcançadas. “Me casei com 20 anos, naquele dia mesmo fui para o sítio, quando cheguei lá, minha sogra disse assim: daquele dia em diante eu era a dona da casa, tinha dia que eu fazia almoço pra 20, 30 peões. Com sete dias de casada, meu marido foi trabalhar e eu fiquei cuidando de tudo aquilo ali sozinha”. Ao falar sobre os filhos que foram alfabetizados, ela demonstra satisfação. “Deus deu a graça da gente ter seis filhos, eles estudaram e todos sabem ler e escrever”.

Já seo Mário sente muito orgulho de si, mesmo não tendo estudado. “Trabalhei 10 anos como carpinteiro e 42 anos eu trabalhei como montador de serraria, morei em cinco Estados e prestei serviço em oito Estados, inclusive no Paraguai, e em todos eles por conta própria, é aquela história, né minha filha, quem tem boca, vai à Roma. Só parei de trabalhar porque em 2005 quebrei a perna e de lá pra cá só venho sofrendo por motivo de doença, mas tenho a minha esposa, que ainda sou apaixonado por ela e ela por mim, ela cuida muito bem de mim”, finaliza com sorriso.

Na 2ª união é difícil declarar: enfim sós

Luciana Brazil

Foto: Luciana Brazil

Herança - Casais enfrentam filhos e ex-parceiros nas 2ªs uniões

Sonhar, amar, casar e... separar. O sonho chegou ao fim. E agora? Acabou? Não. Basta sonhar de novo, amar de novo, e casar de novo. A segunda união é a maneira que os separados encontram para viver o grande amor, quando a primeira boda não dá certo.

No primeiro casamento, uma igreja cheia de flores, tapete vermelho, convidados à espera, um lindo vestido branco, um buquê de rosas e uma nova vida que promete surgir. Dois personagens são responsáveis por este dia, seus sonhos são muitos e o medo do fracasso no relacionamento não ousa aparecer. O noivo, vestindo smoking, limpa o suor do rosto que são as gotas da expectativa, enquanto aguarda sua amada. A noiva chega linda, com véu e grinalda. Nervosa, arruma o vestido e o enorme véu preso numa brilhante coroa, que brilha muito menos que o seu olhar. Ao som de uma bela música, ela sabe que os passos que dará até o altar mudarão sua vida e farão dela uma mulher feliz ou infeliz. Infeliz? Sim. O casamento não é garantia de felicidade. E quando não dá certo, o que fazer? Para homem e mulher a possibilidade da escolha errada é a mesma. O conto de fadas nem sempre tem um final próspero. Um dia, a linda história pode acabar.

Mas para os casais de segunda união esse conto pode ser escrito mais uma vez.

Seja qual for o enredo, com flores ou não, com convidados ou apenas familiares, com cerimônias religiosas ou apenas as civis, ou até mesmo com a singela união das escovas de dentes, já se pode dizer que há outro relacionamento estável. Ele pode acontecer de repente ou pode ser bem planejado, assim como o primeiro.

Porém, a alegria de um novo amor e novamente o casamento, podem trazer consigo algumas dificuldades, pois junto com o novo relacionamento vêm os vínculos da antiga aliança. Filhos, bens materiais e uma vida junta são algumas das pendências que ficam para serem resolvidas.

A cantora Solange Porto, de 36 anos, conta que enfrentou problemas graves com o seu segundo casamento. “Meu ex-marido não aceitava a separação e muito menos a minha segunda união. Ele ameaçava tirar minha filha de mim”, desabafa.

Solange foi casada sete anos e na hora que decidiu abandonar o marido, teve que viver ainda brigas ferrenhas na justiça para garantir a pensão da menina de cinco anos. “Ele dizia que, já que eu estava com outra pessoa não precisava do dinheiro dele. Mas o dinheiro não era pra mim, era pra nossa filha”, conta ela.

Além do ciúme, Solange também sofreu com inúmeras visitas inesperadas do ex-marido. “Tínhamos que resolver questões financeiras e ele sempre aparecia sem avisar”, diz.

Alguns problemas podem afetar os novos casais, pontos delicados que precisam ser acompanhados de perto, como a aceitação dos filhos ao novo parceiro.

A auxiliar administrativo “V”, que ficou casada 16 anos, afirma que teve sorte, pois seu marido atual tem um bom relacionamento com seu filho. “Meu filho e o meu companheiro se dão muito bem. Foi ele quem chamou meu marido para ir morar lá em casa quando tínhamos seis meses de namoro”, conta.

“V” achava que a vida amorosa havia terminado depois da separação. Por ter sofrido demais no antigo relacionamento, ela não pensava mais em se relacionar com alguém. “Depois de um tempo é que eu fui começar a sentir solidão. Comecei a sentir falta de ter alguém”, diz ela.

Para a auxiliar o novo relacionamento lhe deu vida e a fez feliz de novo. Ela conta que no começo o atual tinha ciúme do ex, mas depois passou. “Ele é muito meu companheiro”, diz sorrindo.

Para a psicoterapeuta Bernadete Freire Campos, a segunda união é comum nos dias de hoje. “O que acontece no primeiro casamento, é que a escolha muitas vezes é feita precocemente e o relacionamento acaba não dando certo depois”, afirma ela. Segundo Bernadete, quando existe uma segunda união precisa existir também maturidade de uma experiência já vivida.

Questões como religião, também são colocadas à prova na hora do segundo casamento. Católica, “V” pensou muito antes de assumir o novo relacionamento. “Refleti bastante, mas acabei escolhendo o matrimônio”, conta.

O operador de áudio “Y”, que não quis se identificar, está no sexto casamento e diz que quer se casar com a atual esposa na igreja. “Eu nunca casei na igreja, só no cartório”, fala. “Y” tem cinco filhos e diz que consegue manter um bom convívio com as ex-mulheres porque sempre foi uma pessoa calma. “Para uma ex-esposa dei minha casa, fiz minha mala e fui embora”. Ele sabe que se não fosse assim teria grandes dificuldades.

Segundo Bernadete o assunto já é tema de livro de padres da Igreja Católica. “É uma realidade e não tem como não tocar neste assunto”, diz ela.

A cantora de axé, Solange Porto, conta que num dia chuvoso que fazia muito frio, passou por um grande susto. “Entre em casa e a luz estava acesa e quando entrei no meu quarto meu ex-marido estava deitado nu na minha cama, saí correndo pela escada abaixo e depois desse dia tive que fazer um boletim de ocorrência e ele passou a ter visitas supervisionadas com a minha filha. Da minha casa e do meu trabalho ele precisa manter alguns metros de distância”, conta chateada.

Desencontros, chateações, problemas, sempre irão existir, com alguns casais menos e com outros mais, porém a vontade de ser feliz, a necessidade de um grande amor é o que fala mais alto para aqueles que vivem uma segunda união e fazem do amor o combustível para superar os dias difíceis.

índice

Sobreviventes sobre quatro rodas {03}

Proibição não impede uso de anabolizantes {04}

Sexo por dinheiro e vocação {05}

Protagonistas de uma nova cena musical {06}

É bom poder tocar um instrumento {08}

Bonita com o que Deus lhe deu {09}

Quando o mundo vira de pernas para o ar {10}

Em nome do amor eles viram anjos da guarda {11}

Viagem na arquitetura de CG {12}

Corações separados por Km {13}

Samu: socorro imediato na ambulância {14}

Palavras que alimentam a alma {15}

Prazer: meu nome é Abelha {16}

EXPEDIENTE

Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VIII - nº 121 – Agosto de 2009 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pa. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pa. José Marinoni

Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Pa. Pedro Pereira Borges

Pró-reitoria de Administração: In. Raffaele Lochi.

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos e Inara Silva.

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva e Jacir Alfonso Zanatta

Repórteres: Ana Maria Assis, Bruna Lucianer, Camila Cruz, Cláudia Basso, Daniel Henrique, Ederson Almeida, Edilene Borges, Evillyn Abella, Evillyn Regis, Helton Verão, José Luiz Alves, Júlia de Miranda, Juliana Moraes, Kleber Gutierrez, Luciana Brazil, Magna Melo, Naiane Mesquita, Priscilla Peres, Rogério Valdez, Tatiana Gimenes, Thiago Dal Moro e Wanessa Derzi.

Projeto Gráfico, tratamento de imagens e diagramação: Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B, Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

Em Foco On-line: www.jomalemfoco.com.br

Home Page universidade: www.ucdb.br

E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br

Durante o dia têm os olhos agitados conforme o movimento das ruas e avenidas. Durante a noite, o olhar reflete as luzes da cidade, que por vezes é escura para esconder segredos de esquinas, becos e ruelas. Eles estão a trabalho. Sem décimo terceiro, férias, afinal: não há nada assinado. Vagam pela cidade sem procurar algo, mas levando sei lá quem, um desconhecido que está ali para apontar o caminho. Seus principais instrumentos de trabalho são seus membros inferiores e superiores, que durante dia, noite e madrugada dançam em sincronia conforme os sentidos. Até que, na calada de uma noite impiedosa, o desconhecido não aponta o caminho certo. Ele aponta uma arma certa. A concentração no ofício é substituída pelo medo, que vem ao sentir um golpe que envolve o pescoço e ao escutar a cretina pergunta: você tem família taxista?

O taxista trabalha 24 horas e descansa nas 24 horas seguintes. Não escolhem seus passageiros, uns chegam a pé no ponto de táxi, outros chamam na rádio táxi, que centraliza a comunicação entre taxistas, e outros ligam no ponto pedindo a condução. Mas como disse José Cristóvão Cáceres, que já foi colocado em um porta-malas por um assaltante: “quem vê cara não vê coração”. Alguns taxistas são donos dos carros em que trabalham, mas a maioria tem o que chamam de patrão, com quem fica a maior parte do dinheiro, quando o empregado é honesto. Para essa classe, o táxi é um meio de ganhar o pão de cada dia, literalmente, afinal, eles não têm uma renda mensal. Levam pra casa diariamente o dinheiro que conseguiram durante as 24 horas de trabalho, isso quando não são assaltados e voltam com as mãos vazias.

Segundo relatório de atividades policiais, da Secretaria do Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp), em 2008 houve 4.486 assaltos em Campo Grande, muitos a taxistas. Das seis vítimas mortas nestes crimes, nenhuma era taxista.

Conversando com os taxistas, nenhum diz que falta efetivo na polícia, mas que falta policiamento e operações de prevenção. Trabalhar durante a noite e madrugada pode ser mais perigoso, mas os taxistas chamam o fim da noite e a madrugada de esperança. O que eles não “fizeram” durante o dia, podem ganhar horas antes de irem para casa.

Esperança é o que mantém Gabriel Valente há 12 anos no táxi. Foi assaltado duas vezes. Embora o primeiro assalto seja inesquecível, mesmo porque ele tem uma bala alojada nas costas até hoje, Gabriel considera a pior experiência em 2007, a segunda vez em que foi assaltado. Um rapaz de 17 anos mudou a direção no meio do caminho e de repente: -É um assalto. Gabriel ainda respondeu: - Você está brincan-

Taxistas

Trabalhadores tornam-se alvos da violência na Capital

Sobreviventes sobre quatro rodas



Arriscada - É na madrugada, quando os taxistas tentam aumentar a renda conseguida durante o dia, que acontecem os violentos assaltos aos profissionais

do! Não, não era brincadeira. O assaltante estava armado com uma faca, com ela feriu por sete vezes a barriga do taxista dizendo: -Eu, quando assalto, tenho que matar. “O cinto me atrapalhou, fui tentando me defender, dei um chute afastando o cara do carro e ele percebeu que eu chamei apoio na rádio, então ele saiu correndo. Fui direto pro posto de saúde e depois pro Pronto Socorro”, conta Gabriel que pensou em não trabalhar mais no táxi “porque estava perigoso demais”, mas ele tem esperança que a segurança melhore.

José Cristóvão, “o cara do porta-malas”, disse que o assalto é a pior experiência que um homem pode ter. “Você vira uma titica, eles te xingam, te chutam, eles te chamam de vagabundo, sendo que eles é que são tudo isso, mas você não pode dizer nada”. Cristóvão foi assaltado por quatro homens, que o colocaram no porta-malas e abandonaram o carro em um local ermo e cheio de arbustos. Ele se salvou abrindo o porta-malas por dentro e seguindo a luz que vinha de uma residência, descalço, pois os assaltantes levaram seus sapatos. Em menos de um mês depois do seu assalto, em 2003, seu co-



Perigo - Taxista há 12 anos, Gabriel Valente, tem uma bala alojada nas costas e levou sete facadas em dois assaltos sofridos

lega de ponto Celso Ortiz foi assaltado pelos mesmos bandidos, a história foi a mesma, ficou sem os sapatos, mas ele não cabia no porta-malas. Como os assaltantes estavam armados apenas com facas, ele conseguiu se soltar e sair correndo. Os taxistas ainda brincaram: “Naquele ponto, do bairro Petrópolis, a gente tinha que ter um curso de abrir porta-malas por dentro”.

Melhor seria se Aguinaldo de Lima, um senhor de 65 anos, tivesse também perdido seus sapatos no assalto que aconteceu em março deste ano, assim não teria a lembrança de vê-los sujos de sangue. Com 26 anos trabalhando no táxi, “seo” Aguinaldo conta que foi assaltado três vezes, e somente nos dois últimos anos em que trabalhou, últimos anos mesmo, pois no terceiro assalto não perdeu dinheiro, mas a vontade de ser taxista.

Nos dois primeiros assaltos, roubaram aproximadamente R\$ 400,00 de Aguinaldo, mas não chegaram a machucá-lo. Ele lembra que,

no segundo, tinha dinheiro pra pagar água e luz e mais a parte do patrão. Mas o terceiro assalto sofrido por Aguinaldo é o mais polêmico entre taxistas. Por volta de meia-noite chegaram dois rapazes no ponto. O senhor Aguinaldo estava na “boca”, como dizem os taxistas quando o colega está na sua vez de atender o telefone ou alguém que chegue no ponto de táxi. Eles pediram uma “corrida” até o bairro Estrela Dalva. Assim que chegaram na primeira rotatória do bairro pediram para Aguinaldo entrar numa ruela. O taxista parou o carro em diagonal no meio da rua, e então veio a surpresa. Olhou para o lado esquerdo e de repente viu: o rapaz que antes estava sentado atrás dele, fazendo comentários naturais durante o percurso, tinha aberto a sua porta e lhe apontava uma arma na cabeça.

Quando ele percebeu que o assaltante ia atirar, acelerou e deu uma arrancada com o carro. Saiu em disparada. A arrancada salvou Aguinaldo. A bala que era pra acertar o

ouvido, acabando com a vida dele, entrou no lado esquerdo do maxilar e saiu do lado direito. Quando acelerou, sua cabeça foi impulsionada pra trás, e questões de segundos e centímetros salvaram o pai e avô Aguinaldo.

Aguinaldo é um senhor receptivo, prestativo, contou a história toda com dificuldade, pois, como a bala raspou pela língua, ele sente dormência na superfície dela, e deve comer apenas sopa nos próximos quatro meses pelo menos. Durante entrevista, entre uma respiração e outra ouvia-se um pequeno estalo, vinha da cânula de traqueostomia, que fica ao nível do pescoço. Aguinaldo explica: “a tampinha que ajuda no fôlego”.

O senhor “gente boa”, como definem os taxistas que o conhecem, conta que sentiu seus ossos rangerem, quebrarem, saírem do lugar. Dessa vez não roubaram o dinheiro ganho com o suor de seu trabalho, mas lhe tiraram muito sangue, sangue que escorria da parte inferior do seu rosto, e de algum modo che-

gava a sujar até seus sapatos. Ele lembra do percurso até o posto de saúde do bairro Nova Bahia, passava devagar pelos quebra-molas a fim de amenizar o balançar do carro, não pela dor, que segundo ele era pouca, mas porque já sabia que estava com o maxilar muito ferido. Dirigia e se perguntava como iria ficar a sua fala, a sua boca, o seu rosto.

“Seo” Aguinaldo, que está se recuperando bem em sua casa, além de Cristóvão, Gabriel e Celso, que ainda estão na labuta em seus veículos, junto a tantos outros, fazem parte desta categoria de trabalhadores que poderiam representar a caritatura do brasileiro. Contadores de histórias, lutadores e bem humorados. Pra ser taxista também é preciso vocação. Eles sabem bem o que é sobrevivência.



Escolha - Aos 65 anos, Aguinaldo abandonou os táxis após assalto

Foto: Ana Maria Assis

Adeptos arriscam saúde para moldar corpo rápido

Proibição não impede uso de anabolizantes

Camila Cruz

“Já apliquei muita bomba. Não sou a favor nem contra quem usa anabolizantes, sou contra a quem não sabe fazer o uso correto deles”. Essa foi a primeira frase do treinador de lutas e educador físico, Bruno*, de 26 anos, quando a pergunta foi sobre a prática de aplicação de anabolizantes feita pelos próprios treinadores físicos.

No primeiro contato chega a ser assustador como muitas pessoas tratam esse assunto com muita naturalidade. O que é tabu para uns, é para outros uma prática corriqueira. Assim que Bruno* concluiu o curso de Educação Física ele parou de aplicar os anabolizantes, por já ser formado e pela grande incidência de fiscalização que passou a ter nas academias, por causa de seguidas mortes pelo uso da droga. Há seis anos, o jovem aplicava principal-

mente em seus companheiros de treino e via muitas coisas acontecerem, anabolizantes de todos os tipos e para todos os efeitos.

As pessoas que acham que isso é atitude de maluco e que está longe de todas essas drogas, estão completamente erradas. No dia em que guardou na gaveta do seu quarto 60 ampolas de “bombas”, foi pego por seus pais que ficaram muito decepcionados, sendo esse um dos motivos que Bruno* teve também para parar com as aplicações.

No caso de Eduardo*, 21 anos, a história já muda um pouco de figura. Há dois anos começou a praticar musculação e era bem magro, pesava 51 quilos. Malhou por alguns meses e via que o resultado não estava sendo como esperava, a vontade dele era de ser forte com os músculos definidos. Cinco meses depois foi para São Paulo para assistir uma competição de fisiculturismo e lá aprendeu tudo o que sabe hoje a respeito dos anabolizantes. “Todos os atletas fisiculturistas que conheci lá usavam ‘bombas’ incessantemente, sem dó. Eles aplicam direto na perna, nos braços e vendo isso me incentivei a começar a usá-las também”,

contou Eduardo* que, assim que chegou de volta a Campo Grande, comprou as drogas. Com a autorização provisionada que adquiriu no Conselho Regional de Educação Física (Cref), ele começou a dar aula como *personal trainner* em academia. Nesta época começou então a vender os anabolizantes trazidos do Paraguai e aplicar nos seus alunos que pediam uma ajuda para melhorar o condicionamento muscular. Quando perguntei se tinha dado alguma reação em algum de seus alunos, Eduardo* disse que não sabia de nenhum caso a não ser o dele próprio. Depois que tomou as ‘bombas’, passou de 51 quilos para 92. Uma mudança drástica que causou danos em outros momentos também. Eduardo lembra que um dia guardou a seringa para aplicar outra dose do anabolizante e pela falta de higiene teve uma reação alérgica. Mas isso não foi motivo para parar com os anabolizantes. “Hoje parei de dar aulas mas ainda utilizo as ‘bombas’ e ajudo meus amigos na aplicação”, conta ele.

Ser forte e musculoso são algumas das vontades que sobem à cabeça, principalmente dos jovens. Mas a ju-



Fácil - Drogas proibidas no Brasil são aplicadas por instrutores e alunos que conseguem dicas na internet

ventude está ligada ao mesmo tempo com a pressa para as coisas acontecerem e principalmente pela influência que recebem das outras pessoas. A psicóloga e professora Mestre Magali Silva Caldas Coelho, explica que as pessoas são influenciadas por que precisam de autoafirmação e que isso não é uma atitude apenas de jovens, mas de pessoas de todas as idades. “Quando um aluno que quer ser forte vê seu treinador musculoso pelo uso dos anabolizantes tenta seguir o exemplo, que por sinal é negativo em todos os aspectos”, comenta ela. A profissional relata que a vaidade em exagero dos alunos entra em contato com a vontade dos treinadores de ter mais clientes e isso leva ao

uso das drogas. Tudo o que é proibido aumenta a tentação e quando o aluno consegue ficar como queria ele se empolga e tem, como todo mundo, o famoso pensamento “não vai acontecer comigo”, e por isso acontece a troca de “favores”.

Já se sabe que o uso de anabolizantes é popular, contínuo e que a aplicação é feita muitas vezes pelos instrutores, mas não se pode generalizar que todos os profissionais não seguem à risca o Código de Ética da profissão pelo Conselho Federal (Confef) e Regional (Cref) de Educador Físico. Alguns instrutores no entanto podem não aplicar nem vender as drogas, mas dão dicas sobre o procedimento que se deve seguir na aplicação.

O estudante Renato*, 21

anos, contou que usa anabolizantes e que achou facilmente o ciclo de aplicação na internet. “Na academia onde malho meu instrutor não aplica, nem vende nada disso, mas quando cheguei contando que tinha começado a ‘bombar’ ele me deu dicas de aplicação e de alimentação para a droga ter um bom efeito”. Renato trabalha em uma loja e todos os colegas de trabalho também usam anabolizantes, um aplica no outro. Na última vez que eles usaram um dos companheiros pegou gripe e automaticamente todos os outros pegaram pois a bomba diminuiu a imunidade, além das dores musculares causadas pelo excesso de exercícios e da aplicação.

* Os nomes são fictícios.

Sofrimentos e delícias dos fanáticos por futebol brasileiro

Thiago Dal Moro

O futebol faz parte da vida dos brasileiros, que tiveram sorte de nascer em um país que respira esse esporte. O Brasil é hexa campeão mundial, revelou tantos craques para o mundo e não podia deixar de ter muitos torcedores fanáticos e apaixonados por seus times espalhados pelo país. O fanatismo muitas vezes é o sinônimo da paixão pelo futebol. Há pessoas que tratam o amor ao time do coração como prioridade e fazem de tudo para se dedicar ao máximo a ele.

Vinicius Guerini tem 22 anos, é administrador de empresa e torcedor fanático do Corinthians, mais um “louco” no meio de tantos espalhados pelo Brasil. Ele torce, sofre, chora junto com o time se for preciso e diz que o maior prazer é quando o Corinthians vence seu eterno rival, o São Paulo. “O meu maior sofrimento foi quando o time caiu para a segunda divisão, mas nunca o abandonei, sempre torci e acompanhei o time até voltar para a primeira divisão, sem ligar para as brincadeiras e piadinhas que meus amigos faziam. Alegrias eu já tive muitas, mas duas recentes delas nunca serão apagadas da memória, que foi quando o Ronaldo foi contratado pelo time e quando o Fenômeno fez gol em cima do São Paulo, eliminando eles em pleno Mo-



Apasionados - Torcida Tricolor faz a festa após vitória do time, alguns “sãopaulinos” chegam a trocar a namorada pelos jogos

rumbi. “Aqui tem um bando de louco, louco por ti Corinthians”, completa o empolgado corinthiano, recitando o habitual grito de guerra da torcida nos estádios.

Há casos em que o torcedor sofre literalmente junto com o time do coração, se o time está ganhando ele está feliz, se o time vai mal ele também. Esse é o caso de Kilcner Diniz, de 22 anos, formado em Ciências Contábeis e São Paulino desde criança. Kilcner diz que trata o São Paulo como priori-

dade na vida, se programa para assistir aos jogos e não marca ou desmarca qualquer compromisso na hora dos jogos do Tricolor, o que incomoda até a namorada, que não gosta nenhum pouco de ser tratada como segunda opção. “No começo do namoro ela se incomodava bastante quando deixava de sair com ela para ver os jogos do São Paulo, mas hoje ela já acostumou”, diz Kilcner.

O torcedor doente pelo São Paulo Futebol Clube, con-

ta que não existe coisa que o deixe mais feliz no mundo, que uma vitória do São Paulo, e nada que o deixe mais triste que uma derrota do Tricolor. “Um dos piores dias da minha vida foi o último 19 de abril, quando o São Paulo perdeu para o Corinthians no Morumbi com um gol do Ronaldo, se não bastasse eu estar mal por ter perdido o jogo, ainda tive que agüentar as provocações dos corinthians, fiquei muito mal mesmo, não queria nem sair de casa, não

tinha nada que levantasse meu ânimo”. Kilcner não trata o fanatismo por futebol como um problema e sim como uma paixão. Segundo ele, a única certeza que tem na vida é que o amor que sente pelo São Paulo nunca vai acabar. “Não largo o São Paulo por nada, sou tricolor até a morte”, diz sorrindo o eufórico são paulino.

Paixão de Família

Rodrigo Morikawa, de 18 anos, estudante de Engenharia Ambiental e seu pai João

Carlos, de 45 anos e empresário no ramo de imóveis, são torcedores de carteirinha do Internacional de Porto Alegre. Uma paixão que começou no berço, desde que nasceu Rodrigo é colorado, sempre influenciado pelo pai que é torcedor do clube gaúcho desde a época de 70. João diz que sempre incentivou o filho a torcer pelo Internacional, dando camisetas, bandeiras e objetos do time do coração até ele começar entender de futebol e acompanhar os jogos. “Eu tive a alegria de ter acompanhado a época gloriosa do Colorado, ver ídolos como Falcão, Figueroa, Manga e Escurinho jogarem, dava prazer assistir os jogos”, afirma João Carlos, que se emociona ao lembrar daquela época.

Já Rodrigo não teve a sorte de seu pai de ver seus ídolos jogarem, mas diz que é muito feliz como torcedor do Inter e está muito satisfeito com a atual fase de seu time. “É até engraçado, quando comecei a entender de futebol e acompanhar o Inter dos anos 90, sofria muito porque foi uma época difícil, que a gente não ganhava títulos e o Grêmio ganhava tudo, só ouvia meu pai falar da época gloriosa de 70. Mas felizmente tive a oportunidade de ver o Inter ser campeão da América, do Mundo e tantos outros títulos recentes, e o melhor, a superioridade sobre o nosso rival (Grêmio), afinal de contas o que mais me deixa feliz é quando ganhamos um Grenal”, finaliza Rodrigo.

Certamente esses torcedores e muitos outros fanáticos possuem mil histórias para contar, episódios tristes, felizes, momentos que passaram com seus times de coração que jamais esqueceram e tudo isso por causa de uma paixão, o fanatismo no futebol.

Foto: Arquivo

Profissionais do sexo que trabalham nas ruas da Capital relatam os motivos que as levaram a esta prática

Sexo por dinheiro e vocação

Ederson Almeida

Nos tempos atuais é muito comum se ouvir falar de pessoas que sobrevivem da prostituição. O que poucas pessoas sabem é que esta prática já é reconhecida como profissão. No Código Brasileiro de Ocupação (CBO) quem pratica sexo em troca de dinheiro recebe o nome de profissional do sexo. Porém a aparente aceitação desta prática, de acordo com J. F. G, de 25 anos, não passa do papel, pois no dia a dia a discriminação ainda é bastante intensa.

O que se vê é um numero muito grande de meninas que muitas vezes acabaram de completar a maioridade e já estão fazendo parte deste mundo pouco iluminado pelas lâmpadas dos postes das ruas e avenidas que lhe servem de ambiente de trabalho.

Deixando um pouco de lado a conturbada aceitação da profissão, vamos tentar entender o que leva determinadas pessoas a exercerem a função.

Vamos chamar de Sonhadora, a jovem de 25 anos, que entrou para este mundo há pouco mais de seis meses e alega que no momento em que partiu para esta “loucura” como ela mesma classifica, não conseguia ver outras perspectivas para sua vida. “Comecei a fazer programa há seis meses. Antes, eu trabalhava como babá, mas já estava desempregada há mais ou menos um ano. E foi aí que surgiu a oportunidade através de uma amiga minha que já trabalhava com isso”.

Ainda muito jovem, Sonhadora acredita que pode mudar o seu futuro mesmo sem saber como irá fazer isso. “Não tive muita chance na vida, fiz o segundo grau, mas quero mudar. Não sei bem o que eu quero da vida, mas o que eu não quero eu sei: não quero continuar fazendo programa. Mas este caminho muitas vezes não tem volta”, afirma a jovem.

A garota tem a consciência de que é bastante difícil sair da prostituição depois que se faz parte dela, porém tem muita esperança de poder vencer na vida por outros caminhos. “O difícil de

largar essa vida é se conformar em trabalhar depois para ganhar uma mixaria mais ainda assim creio num futuro mais digno para mim. Meu sonho é caminhar pela rua como uma pessoa normal e saber que eu trabalho em algo normal”.

Conversando com estas meninas pode se perceber que existem dois pensamentos que se divergem, um é o que diz fazer pelo o dinheiro única e exclusivamente já o outro que diz fazer porque gosta. Uma das meninas que defendem a segunda tese é “Vocacionada”, de 27 anos, estudante universitária. “Tem muita menina que diz que faz por dinheiro, mas acredito que a gente tem de ter vocação. Quem canta usa a voz, quem trabalha com computador usa as mãos e a cabeça, eu uso o meu corpo. Qual é o problema? Não tenho vergonha do que faço. Acho que nasci pra isso”.

“Vocacionada” ressalta que o fato de não ter vergonha do que faz não significa sair por aí espalhando para todos o que faz para custear sua faculdade ou mesmo para se vestir.

De acordo com a psicóloga Adelaide Coimbra, formada pela Universidade de São Paulo, a prática da prostituição é um ato bastante degradante, pois profissionais do sexo acabam se expondo a diversos riscos físicos e principalmente psicológicos, que em inúmeros casos deixam os indivíduos envolvidos com a prostituição em um mundo bastante fechado, uma vez que não podem conversar e dialogar com familiares e amigos sobre como foi seu dia de trabalho, algo bastante comum entre pessoas que realizam atividades profissionais aceitas pela sociedade.

Adelaide diz que algo bastante peculiar nestas pessoas é uma sucessão de sentimentos e práticas que muitas vezes se contradizem. “É comum, quando conversamos com eles, ouvir a seguinte frase: Eu não quero mais essa vida! Mas não consigo deixar, explica a psicóloga.

Gabriele diz não ter problema em se identificar, fato que me chamou bastante a



Foto: Ederson Almeida

Prazer - Universitária de 27 anos assume que está na prostituição por que gosta, se sente vocacionada para a profissão

atenção até porque até agora todas as meninas com as quais havia conversado sempre pediam para não serem identificadas, mas logo pude entender o porque da garota

querer se identificar. “Gabriele Fischer é meu nome “Artístico”, explica. Para Gabriele a vida que leva tem coisas boas e ruins, porém o que mais a incomoda é o fato

de não ter uma vida social “normal”. “O ruim da profissão é não ter vida social direito, não ver a luz do sol e mentir para as pessoas que mais amo. Vou dormir geral-

mente umas 7 horas da manhã e acordo às 16 horas. Vou pra academia e venho trabalhar”, relata.

ECONOMIA

Contrastes sociais e contos de desperdício

Juliana Moraes

“Aqui não tem carne todo dia não, as crianças ficam feliz com o arroz”, afirma Maria Dolores, mãe de três filhos, moradora na periferia da Capital morena, na área mais humilde da região do Taquaral Bosque. Catadora de papel e produtos recicláveis, Maria Dolores sai de casa todos os dias às quatro horas da manhã. Com seu carrinho improvisado ela caminha pela cidade em busca destes produtos.

Viúva há sete anos, não tem de onde tirar o sustento da família, em seu olhar ela carrega uma expressão

cansada, que se perde entre as rugas de sofrimento. Os filhos de Maria são crianças morenas, de corpo esguio e barriga saliente, mas não uma saliência saudável, pois a comida na mesa é muito escassa.

Do outro lado da cidade, no bairro Vivendas do Bosque, em uma área nobre da Capital a mãe de dois filhos, Lorraine Siqueira afirma: “Aqui em casa tem filé todo dia, os legumes sempre sobram e as frutas apodrecem.” Lorraine, sai de casa todos os dias oito horas da manhã, ela é advogada, percorre o caminho dentro do seu carro importado, um “Tucson”.

As crianças estudam em uma escola particular, Lorraine também é viúva, mas recebe uma gorda pensão, pois seu marido era funcionário público federal.

Durante o almoço da casa de Lorraine, muita comida

sobra e vai para o lixo. No lixão muita comida é reaproveitada por pessoas como Maria Dolores.

Duas famílias, duas vidas, duas trabalhadoras, o mesmo país, a mesma cidade. A origem de cada alimento também é o mesmo, e o desperdício não começa só na casa de Lorraine. Por ano, o Brasil desperdiça milhões de toneladas, desde o momento da colheita até ao seu transporte.

Izabel, assessora de imprensa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), trabalha para combater o desperdício há cinco anos, durante sua pesquisa ela levantou dados alarmantes.

“Nosso Estado, desperdiça uma quantidade gritante de alimentos, por essa razão o IBGE desenvolveu um projeto que visa a melhora deste quadro”, afirma Izabel.

De 1996 a 2002, o país deixou de colher cerca de 28

milhões de toneladas, por conta das perdas que ocorreram do plantio até a pré-colheita dos cultivos de arroz, feijão, milho, soja e trigo.

O desperdício está apenas começando, já no transportes dezenas de toneladas se perdem pelo caminho, a má condição das estradas faz com que boa parte da carga não seja aproveitada.

Segundo dados do IBGE, estima-se que 67% das cargas brasileiras são deslocadas pelo modo rodoviário e conforme estudo de viabilidade econômica dos transportes de cargas, o modo rodoviário é o mais adequado para distâncias de apenas inferior a 300 km. Quando o trajeto for entre 300 a 500 km, o melhor transporte é o ferroviário. Acima desta distância a melhor opção seria o meio fluvial para evitar o desperdício das cargas de alimentos.

Continua a saga do desperdício na chegada da mercadoria, nos supermercados, os produtos são descarregados de qualquer maneira.

“Ah, muitas vezes tenho vontade de levar para casa as coisas que o mercado joga

fora”, afirma Carlos Eduardo, trabalhador de uma grande rede de hipermercado. Carlos Eduardo explica que qualquer imperfeição é motivo de mandar o alimento para o lixo.

O saco de arroz e feijão devem estar perfeitamente embalado. Sem nenhum furo sequer, as frutas e verduras não podem ter nenhum amassado, caso contrário, já não é mais aceito no mercado.

Desperdício e mais desperdício, até mesmo na hora de ir na comum feirinha de bairro. Alegria nas ruas iluminadas, o cheiro do pastel, as pessoas comprando e curtindo o momento. Na hora que tudo acaba, a rua fica encoberta por alimentos perdidos, alface, frutas, legumes, restos e inteiros.

Após a limpeza tudo vai para o lixo, onde outros buscam o alimento para a família, como o caso de muitos que vivem na mesma comunidade da Maria Dolores. “O dia que tem ferinha, eu faço a feirona lá em casa, as ruas ficam cheias de alimentos perdidos, eu cato tudo pra minha casa”, exclama uma vizinha de dona Maria, que preferiu não se identificar, ela comenta com uma certa feli-

cidade ao lembrar da feira.

O desperdício começa já pelo transporte, os alimentos não podem ser importados e exportados via terrestre e se o forem, devem ser em caminhões decentes com estradas adequadas dentro do limite de quilometragem.

Já no mercado deveria ser feito um trabalho de triagem, cada produto julgado por eles como perdido, poderia ser reavaliado e por fim tomar um outro destino que não seja o lixão.

Na casa de cada brasileiro entra a conscientização, desde a hora de fazer compras até ao momento de cozinhar. Na hora do almoço, sobra comida, que pode ser reaproveitada. Nada se perde tudo se produz, cada grão, cada fruta, cada legume, tudo pode ser reaproveitado.



Foto: Júlia de Miranda

Moderno - A banda Haicais é um dos grupos que encabeçam a nova cara da música de MS

Hermanos do som

Conheça músicos das bandas que acontecem em CG

Protagonistas de uma nova cena musical

Júlia de Miranda

O calor é intenso na tarde de uma terça-feira, pós uma tempestade que lavou a alma e tudo mais que estava por perto. O cinza deu vez para um sol que queima a pele, e, uma brisa leve mostra não querer aparecer. A parede inteira grafitada, um colorido de mais de três metros , inundado de arte, onde se destaca a figura de um leão e de outro lado se lê “Queima Babilônia”. Por aqui rola música, sem dúvida. Uma árvore faz sombra no grande espaço, uma espécie de pátio. Resquícios visíveis de uma festa do fim de semana que passou: tochas, um banner enorme com a foto das bandas e o lixo devidamente organizado de latas e garrafas plásticas.

“Desculpe pela demora, passamos numa loja de chapéu, aí todo mundo resolveu comprar, por isso deu uma atrasada”, a voz que vem caminhando

pela entrada é de Christiano Haicai, o Chris, com sua estilosa boina branca, tatuagens, óculos Ray-Ban, jeans e chinelo rasteiro. Desencanado. Abre um sorriso, a fala é mansa, entra na casa que fica nos fundos e vai logo dizendo: “nova cena musical em Campo Grande, sei, pode sentar”.

Chris, vocalista da banda Haicais, é um dos músicos que faz parte dessa mudança sonora na Capital, que tem como principal marca a coletividade entre os artistas. Com seu cavaco em mãos, dedilhando algumas notas, pele morena, “dragão tatuado no braço” como na canção de Caetano, relembra o início do grupo ainda em 1997.

Haicai vem de um provérbio japonês que significa “fragmentos de poesia”. No começo o som era basicamente de covers, formavam um trio, três amigos dispostos a fazer música. Um golpe fatal do destino tira do mundo físico o baterista e o baixista desse tripé, na memória são visitantes presentes.

Pé na estrada, mochila nas costas, lá se vão sete anos rodando o interior do Estado, Londrina e São Paulo, tendo como companhia a música. “O som é universal”, reflete enquanto acende um cigarro. De volta a Campo Grande em 2004, não pas-

sam nem três semanas e pronto, Haicais está na ativa novamente. Agora com Edson Duenha no baixo, o irmão de Chris, Paulo Haicai no timbateria e o próprio na voz e violão. O marco zero dessa turma era o extinto bar Atalaia, onde acontecia a “Quinta Alternativa” e para tocar naquele palco tinha que fazer música autoral. “Quem não tinha, não entrava na roda, tirávamos grana do nosso bolso para as apresentações”. Uma época em que o lema era não tocar para contratante, nessa fase muita banda ficou parada. Fugindo da mesmice estavam no olho do furacão em que se instalava um novo movimento criativo. Nomes como “Vinil Moraes e Banda” e “West Central” passaram por aquele espaço.

O universo Haicais é variado, sem preconceitos absorve desde música dos anos 20, sambas, Nação Zumbi, um Psycho Killer do Talking Heads, até Pearl Jam, pandeiro , cavaquinho, tudo junto e misturado, com uma brasilidade pulsante que navega em águas autorais. O vocalista, junto com o amigo Rafael Coelho, compôs 32 músicas em um mês, número que nem letristas veteranos conseguem com tanta rapidez. “Olha , é um processo árduo, depende muito pelo o que você tá passan-



do, às vezes vem o ócio e a falta de inspiração”, ressalta Crhis.

Uma canção sempre pedida nos shows do Haicais, “Samba da minha mãe”, foi escrita pela mãe do músico, ela que nunca tinha percorrido o caminho das escritas musicais surge com a emoção impressa. Genética forte.

Vivendo de música, por assim dizer há cinco anos, Chris dá aulas de instrumentos musicais e prepara uma oficina de Samba e Maracatu no Luciana Orsi, diretora do percussivo Bojo Malê, para o qual Chris já emprestou seu ritmo. As dificuldades encontradas nesse meio começam na falta de interesse dos representantes de emissoras de rádio em tocarem um som autoral, diferente e feito no Estado, valorizando apenas o comercial. “Se você leva seu trabalho, o material fica lá esquecido; esnobam também quando queremos tocar em lugares onde nem nos preocupamos com a grana, como por exemplo em praças. Muita burocracia, a ordem não presta para nada”, revela com tom indignado.

Gosta de quem está pronto para tocar apenas para portaria, caso o ambiente esteja vazio, a música deve acontecer de qualquer maneira. Cosmopolita. Para o músico que carrega calma, boa prosa e alma de revolucionário, a Capital precisa de mais sopros culturais. Agrega ainda que quando se fala em Mato Grosso do Sul vem a sua mente Geraldo Rocca, a quem admira.

Chris é um dos respon-

sáveis pelo site que estará em breve na rede o www.somms.com.br/, voltado para todos os que fazem música autoral e brasileira, um incentivo para muita moçada. Sem pressão, sem clichê, tudo vai fluindo e a identidade vai se mostrando lapidada. “A gente toca o que a gente faz”, e ele quer ir longe. O cavaco continua com o dono, que agora dispara a tocar.

Curimba

Nesse clima mergulhamos em território pantanoso atrás de peixe fresco. “Ó os Curimba chegando”, dizia André Stábile, vocalista, quando via um grupo de japoneses. A brincadeira deu nome a banda, Curimba, espécie de peixe de grande porte encontrada na região do Pantanal. Outro motivo pela escolha se deve ao fato de ser denominado de Curimba, na música sacra brasileira, quem toca atabaques. Eles se ligam no ritmo.

Seis integrantes, desses, quatro com descendência japonesa e com uma sonoridade bem brasileira. Afinados no resgate da raiz com o contemporâneo, uma mistura à primeira vista curiosa e literal. Adrian Okumoto no baixo, Japão na bateria, Renan Okumoto violão, Carlito na guitarra, Chicá percussão e André, mais conhecido como Donha da Carvalho, nos vocais. Quando pisam no palco as mais diversas entidades sonoras se apresentam, num transe sinuoso que leva ao envolvimento banda e platéia, na melhor sintonia.

“Cara, vocês precisam ver o documentário do Tom Zé, é muito bom, muito louco”, solta entusiasmado Adrian

Okumoto assim que chega para entrevista. Tudo vira influência para os Curimbás. O forte vem na música brasileira e em suas veias, se debruçam no samba, mas não apenas dele. Bossa Nova, funk, rap, tudo é bem-vindo, cada membro do grupo tem sua “viagem musical” e estilo, como o violão clássico. Curumin, Novos Baianos, cantoras nacionais, Jorge Ben Jor, Vinícius de Moraes, “tudo e qualquer coisa”, afirmam.

Contam com o acaso como parceiro para o início da trajetória. André estava na cena musical da cidade há quatro anos, tinha como escola o rock n’ roll. Em um determinado momento se viu com outros desejos, a sede por novidade, um tempo para criar e foi aí que o amadurecimento na música começou. Com o amigo Carlos começaram a tocar suas próprias composições. Em 2008, no Festival América do Sul em Corumbá se juntam com Japão, num clima de intercâmbio e Jam Session com outros músicos.

Está fechado o trio. Passa um mês e Adrian, músico que já fazia um som na cidade, volta do Japão, chama o irmão Renan, dá um toque no primo Chicá e pronto, está formada a família. Um acaso certo.

Trazem na bagagem umas 20 músicas autorais. Vieram com a comida para um público que estava sedento por trabalhos diferentes com criatividade e qualidade audível. “O caminho é esse, tem que ser original, uma evolução para o novo, junta uma galera e vira um movimento”, observa Adrian. As letras, maioria assinadas por André, falam do cotidiano urbano, amor, vivências e tudo mais que atinja de alguma maneira a sensibilidade do poeta. Com um olhar enigmático, que não dá para saber qual será a próxima frase exclamada, ele se entrega, deixa a inspiração transbordar e mergulha na atmosfera que canta. “ Eu sou moleque da quebra / Nasci pronto pra guerra ... / Quando cheguei nesse mundo / Tinha um tamanho absurdo / Mal cabia na palma da mão do subúrbio” narra a letra de Moleque da Quebra. “Esse cara vibra”, comentou Thierre Mônaco, estudante de jornalismo, durante uma apresentação da banda.

“Avisou”, “Serve um Tera”, “Buraco Negro”, “Prafrica”, “Só Saudade”, entre outras, estão na página do grupo no site do Myspace. No repertório entram releituras de Martinho da Vila e Chico Buarque, como em “Samba e Amor”. Funciona assim: eles escolhem uma música que gostam, dão uma nova versão e jogam no



Foto: Júlia de Miranda

Inspirado - Crhis, do Haicais, compôs 32 músicas em um mês



Mistura - Os integrantes das novas bandas da Capital estão sempre juntos fazendo a confraternização da música, misturando estilos e movendo as engrenagens da cultura em Mato Grosso do Sul

shows; querem que os presentes conheçam o que eles gostam de ouvir, uma comunicação direta com quem os assistem.

Usam todos meios para divulgação, shows, bares, Myspace, o site de relacionamento Orkut, no qual possuem comunidade da banda, amigos, no boca a boca, e vídeos no Youtube.

Como dificuldades apontam o “coronelismo” ainda existente na Capital. Muita burocracia e foco para a música comercial estão na lista de empecilhos, nas correntezas onde nadam esses Curimbas. “Você faz uma festa, numa casa num bairro distante, com uma galera que faz um som diferente e lota de gente. Isso é muito bom, mostra que alguma coisa está acontecendo”, aponta André.

No playlist da banda anda tocando Markus Ribas, Bambas e Biritas, Berimbrown, Flora Matos e o que você quiser apresentá-los. Acaso, naturalidade e com o tempo jogando a favor. Positividade em tudo. Pretendem um dia

se tornar referência para o Estado? Sim, por que não? É a resposta. Com pé no chão, deixando que tudo aconteça na hora certa, mas sempre espertos com que está em volta. Sob proteção de Jorge, vestem as roupas e as armas do santo guerreiro, que serviram corretamente para os meninos que miram sempre novas águas para espalhar sua arte.

Louva Dub

Nessa miscelânea de cores, timbres e estilos nos deparamos com o Dub. O “reggae remixado”, segundo a enciclopédia livre da Web, que apareceu na Jamaica nos anos 60. Enfatizando as batidas de baixo e bateria, juntamente com variações eletrônicas, que aplicados às letras, inclui efeitos sonoros como trovões, relâmpagos, sirenes entre outros ruídos. Atualmente é considerado um estilo musical e tem saído à forra cada vez mais ganhando espaço. Um pouco complicado de entender? Sem problemas, é um som para ser sentido.Feché os olhos e deixe que o corpo sinta toda a

energia.

Louva Dub, a turma encarregada por traduzir essa vertente em Campo Grande. Pesquisando sons, compondo e criando surgiram no ano de 2007 com uma proposta instrumental. Com a liberdade de mesclar vários ritmos, uma brincadeira que aos poucos ai assumindo aspecto real, e pelas ondas sonoras foi ao encontro de sua voz.

Lauren Cury dá alma e sensualidade para a fêmea sonhadora que leva as mensagens num canto doce e potente. “Ela sempre estava nos ensaios, acompanhando o namorado que toca com a gente, numa dessas visitas rolou dela fazer um vocal de uma música do Johnny Clark, daí acabou entrando para a banda”, descreve Daniel Costa, baixista do Louva. Com cara de garota, pele morena clara, olhos e cabelos castanhos, tatuagem nas costas, enormes óculos escuros, formada em moda e cursando artes visuais, disse que destilava seu canto aos poucos em versos da MPB e que “Simplesmente rolou o som com os meninos” justifica.



Louva Dub - Lauren Cury é a dona da voz que canta vida e natureza no reggae remixado

Letras autorais que falam sobre Deus, amor, vida e natureza, tudo muito original e sem deslizar em clichês. O quinteto tem na formação Daniel Costa, Jorge David, Gleyton Barbet, Gabriel Escalante e Lauren. Cada integrante traz sua referência, seus garimpos, “tudo se atualiza na hora” salienta Daniel. As versões de músicas de cantoras como Céu e Marisa Monte são escolhidas entre eles e ensaiadas, se aprovarem vai para o set list. Todos no palco dialogam entre si, poesias declamadas, sons de saxofone, instrumentos, vocais e performances. Tudo merece destaque nas apresentações ao vivo.

Verônica Lindquist, estudante de artes visuais costuma sempre prestigiar festas em casas e bares onde rola o “diferente”. Para Verônica, a música é a busca primitiva pelo ser humano “A letra te envolve, faz dançar, causa transformação, tudo acontece”.

“Tem gente que olha e diz “que que é isso?”, e acaba se interessando. Temos tido um bom retorno do público” diz Daniel. Na opinião de Gabriel Escalante com seus enormes dreads looks, todo mundo consegue fazer música, o som está presente inconscientemente: “Música chama”, diz. O fato de todos os integrantes serem amigos nem sempre ajuda, Gleyton entrega que por terem uma maior liberdade um com o outro alguns assuntos são falados na

cara com sinceridade, às vezes tem gente que não gosta do que ouve.

Procuram agora um resgate com a raiz brasileira, com mais apego do que a jamaicana. Se música tivesse uma forma, Lauren desvia o olhar, para pensar e manda “Espiral, não tem fim, sempre cresce e é infinito”.

Rockers

Outro projeto na Capital morena leva o nome de Rockers, único Sound System de Mato Grosso do Sul. Quatro integrantes (Daniel Costa, Diego Manciba, Luis Angello e Thiago Silva) que formam equipes de som munidas de aparelhagem e Dj’s. Uma festa com muito dub, reggae, mensagem rasta e dancehall, um estilo dançante onde os dj’s cantam e produzem as próprias batidas com colagens de reggae ou recursos musicais originais. Sem preconceitos, proclamando o amor e boa música. Grandes nomes da cena viram mestres como Mad Professor, Fela Kuti, King Tubby, U-Roy, Gregory Isaacs, Scientist, Sly & Robbie entre outros.

Nas festas sempre que possível convidam músicos de outros Estados para se apresentarem e tornar cada vez mais conhecido o estilo. “Gente do mundo inteiro faz esse som, escutamos muita coisa, sempre tentando ser original”, afirma Daniel.

Comemoram um ano de baladas retrô jamaicana na ci-

dade.

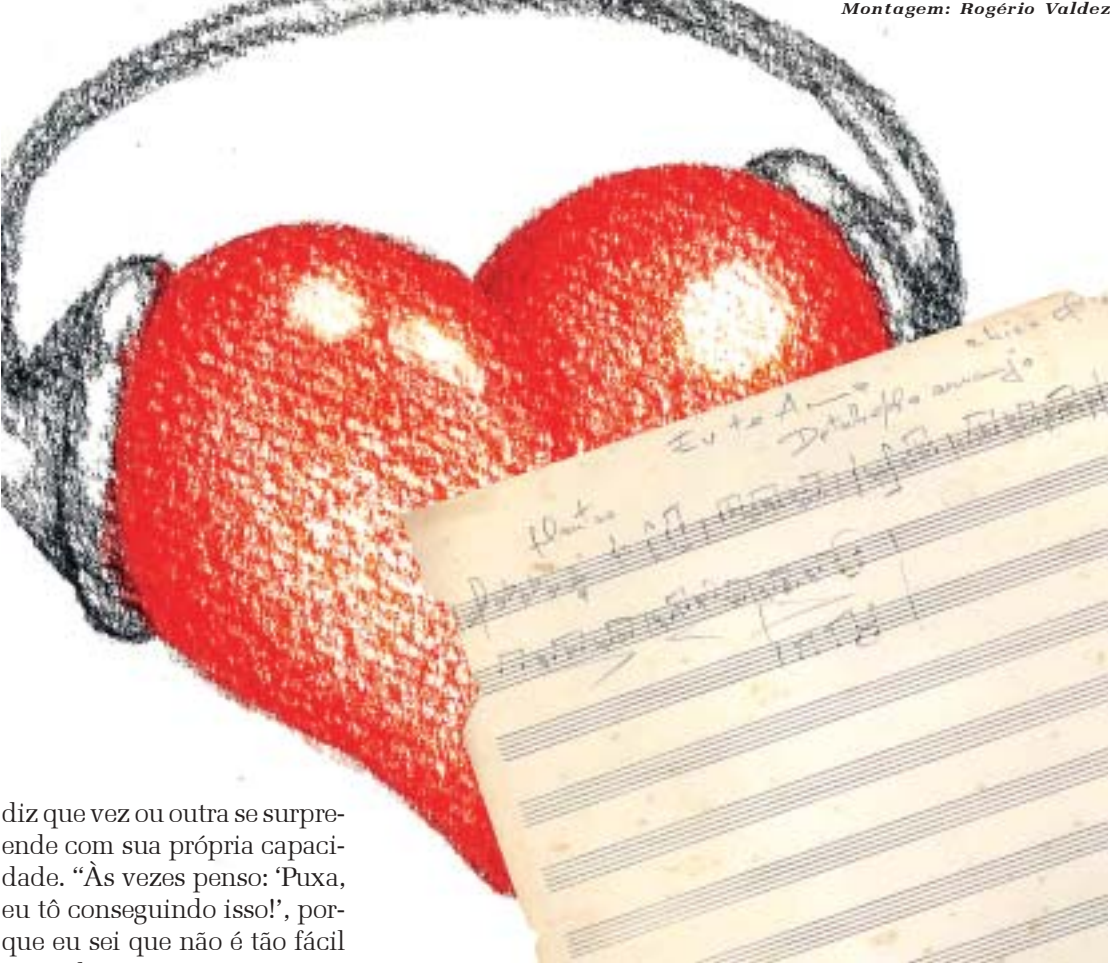
Nem só de violada vivem os ouvidos dos campo-grandenses. Uma nova cena musical começa a mostrar sua cara, os jovens se voltam cada vez mais para a música brasileira, antiga e moderna com um toque individual de cada trabalho. Os frutos desse movimento estão começando a ficar maduros. Aliados ao coletivo, todos são amigos, onde tem um Curimba pode olhar novamente que vai ver junto um Haicai e um Louvador deve estar a caminho. Composições, viagens e até campeonatos de futebol acontecem nessa roda. Adrian Okumoto assume o posto de fotógrafo oficial, outros ajudam a criar os flyers e se encarregam de toda a divulgação entre os amigos e os meios eletrônicos. Para o mês de dezembro está previsto o lançamento em separado dos CDs das três bandas. “A união faz a força” grita alguém da sala. E se qualquer lugar é lugar para os hermanos fazerem música, que a sorte e a força musical que carregam estejam sempre presentes. Agora é hora e a vez dessa gente “muito boa”.



Efeito-Gabriel Escalante, integrante da Louva Dub acredita nos poderes sobrenaturais da música

Até Caetano cantou os benefícios de se fazer música

É bom poder tocar um instrumento



Rogério Valdez

De olhos fechados, mente aberta, ouvidos em alerta esperando para sentir algo que entusiasme ou que simplesmente dê razão a um sentimento. Música não é apenas uma sucessão de sons e silêncio, vai além disso: faz cantar a rotina em estilo livre, faz usar a imaginação. A música faz enaltecer o artista, apresenta uma

identidade e é uma forma de expressão que permite inovar, sair da mesmice, quebrar regras. “É simplesmente tudo na minha vida, minha maior alegria”, conta a estudante Mayane Marques Andrew, que é quase uma garota prodígio – com 15 anos de idade toca cerca de 12 instrumentos clássicos. “Não sei ao certo quantos, preciso contar...”, explica.

Mayane não pretende seguir carreira na música. “Quero fazer medicina ou algum curso da área de exatas”. Ela conta que seu interesse pela música começou logo aos qua-

tro anos de idade, quando já observava os músicos que tocavam em sua igreja. Seu primeiro instrumento foi um violino, presente dado pelo avô. Na época ela ainda tinha oito anos de idade e já tocava órgão há quase um ano porque estudava na igreja.

Em casa, a estudante espalha seus instrumentos. Lá ela abriga saxofone, clarinete, o violino, órgão, teclado e um bombardino, mas a família sabe conviver com essas paixões da jovem garota, já que a mãe é uma grande incentivadora e o pai também toca saxofone. Sobre o talento precoce, Mayane

diz que vez ou outra se surpreende com sua própria capacidade. “Às vezes penso: ‘Puxa, eu tô conseguindo isso!’, porque eu sei que não é tão fácil tocar alguns instrumentos que toco”, reconhece.

“Se tocar algum instrumento já é um desafio, imagine então para um deficiente visual”, diz a professora de música, Teresa Cristina Pinheiro Graça, que leciona a disciplina no Centro de Atendimento Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP-DV), em Campo Grande. Ela demonstra que uma expressão artística, como a música, é uma incrível ferramenta de desenvolvimento para um ser humano com limitações. No centro, ela dá aulas de teclado, canto coral e flauta doce para crianças e adultos cegos e com baixa visão.

Para a professora, mais do que colaborar com o aperfeiçoamento das habilidades motoras, a música contribui na socialização: “é importante o desenvolvimento de todo o lado cognitivo e da capacidade motora do estudante, porém o que eles mais sentem prazer é na interação, quando podem se apresentar ao público. São pessoas que sentem falta do convívio social e as apresentações proporcionam essa troca”, diz Teresa, contente por ser uma das responsáveis em fazer com que os estudantes se sintam inseridos na sociedade e capazes, en-

cantando outras pessoas por meio de sentidos que vão além do olhar.

Quebrada uma barreira, outros desafios podem ser enfrentados facilmente. A professora Teresa observa em seus alunos a vontade de ir ainda mais longe motivados pela segurança que a música lhes proporciona, procurando até mesmo especializações. Ela diz que alguns dos estudantes já se preparam para o vestibular com o objetivo de ter uma formação acadêmica nesta área. “Isso demonstra que é uma disciplina que ajuda também na inserção profissional. A música é uma arte que trabalha a mente e o raciocínio e sempre temos notícias de alunos que apresentam grandes avanços também na escola”, afirma.

Esforço e interesse são importantes características dos alunos da professora Teresa. Emocionada ela diz que nem todos sabem ler em braille – um sistema de escrita para cegos –, portanto cada um acaba dando um jeito de apreender os conhecimentos oferecidos pela educadora. “Ensinar música para eles é como uma al-

fabetização, não são todos que sabem braille, então dão seu jeito, alguns trazem gravador para ouvir as músicas depois e as lições que eu falo nas aulas. Mas a maior emoção é durante as apresentações; alguns chegam a chorar. É uma lição muito grande em ver a satisfação no sorriso deles”, comenta Teresa a respeito do valor que ela dá ao trabalho que também a inspira a amar ainda mais a arte que ensina.

Paixão

Intensos sentimentos são provocados através da música, seja ensinando, aprendendo ou criando. Primeiro a letra, depois a melodia, ou vice-versa, o processo criativo também é uma forma de inserir os próprios sentidos na materialidade abstrata de uma canção. Como a música reflete sentimento, vários compositores conseguem transmitir muito do que estão sentindo ao se expressar nas letras de suas canções. Uma das mais belas músicas sul-mato-grossenses, Cunhataiporã, foi composta por Geraldo Espíndola motivado pela paixão que sentia pela esposa e inspirado pelas belezas da natureza regional. Neste caso dois intensos amores foram matéria-prima para a confecção de uma obra-prima da música de Mato Grosso do Sul.

“Cunhataiporã é uma canção composta em 1976, fiz ela para minha esposa viajando de trem de Corumbá para Ponta Porã, uma viagem que sempre fazíamos. Essa música é um relicário que a gente ama e preserva, além de tudo fala da terra a que pertencem. Eu amo a minha terra, por isso faço este tipo de canção”, afirma Geraldo, relacionado seus amores.

Contudo, como toda forma de arte, a música também abre brechas para ser reinventada e nunca está avessa a novas idéias.

O novo

No sentido de ter esta expressão artística como ferramenta de inovação, o músico paraguaio Sérgio Banana Pereira apresenta sua proposta. “Para mim a música também é um caminho para renovar antigas tradições”, pensa o artista, vocalista da banda La Secreta que traz a música latina, especialmente a polca, com uma atitude rock and roll.

A vertente apresentada pela banda mescla até canções de Bob Marley em ritmo de polca paraguaia. “Porque o reggae cai justinho na polca, são dois ritmos que casam”, explica o vocalista. “No Paraguai a polca é um ritmo que atinge pessoas desde os pequeninos até os mais velhos e a nossa proposta traz uma nova cara para essa música, resgata, leva a música latina para muito mais gente”, diz.

São características assim, muito bem definidas e ao mesmo tempo inusitadas, que compõem a miscelânea de estilos à qual a música pode se adaptar e “agradar a gregos e troianos” – finalizando com um anexim



Foto: Edemir Rodrigues

Sentir - Na música Cunhataiporã Geraldo Espíndola expressou amores pela esposa e MS

O “Woodstock” dos nossos roqueiros

José Luiz Alves

A provocação que começou através de um perfil falso de orkut culminou no mais relevante festival de rock and roll de Campo Grande e com 32 bandas tocando o puro suco do rock and roll e blues na capital sul-mato-grossense. Para completar a festa, um final melancólico a la vida de rockstar: a polícia recebeu reclamações e resolveu, durante a apresentação de uma das mais conhecidas bandas da cidade, a Katástrofe, interditar o evento beneficente.

Para os organizadores do evento, eram duas as variáveis. A desconfiança na organização do evento e o ganho cultural promovido pelo Campo Grande Rock Festival. Outro revés previsto foi a concorrência do show da banda Paralamas do Sucesso, com entrada livre. Ainda assim, aquela que o público anseia ser apenas a primeira edição do festival foi um sucesso para quem

mais interessava: as bandas de rock and roll. Alguns dos grupos pouco conhecidos puderam demonstrar suas habilidades artísticas e ganharam relevância no cenário musical do rock and roll de Campo Grande. Bandas consagradas também participaram em prol do estilo musical mais ouvido em todo o mundo e ainda ajudaram as instituições para quais o (pouco) lucro será doado. Bêbados Habilidosos e Muchileiros foram as mais reconhecidas bandas a se apresentarem.

O primeiro dia (01/05) teve participações das bandas Los Rockanilhas, Quarteto Ameba, Zuka, Bêbados Habilidosos, República 5, IN-Dependente, Old Barreiro, Repúdio CxGx, Virtuose, Jennifer Magnética e culminou com a apresentação da banda Privê. O público de 250 pessoas não foi exatamente um sucesso, mas a aprovação de quem acompanhou as 11 bandas foi o suficiente para alegrar aos organizadores. “O principal motivo é dizer que existem boas bandas aqui em Campo Grande e que esses eventos podem sim ser bem organizados pelos roqueiros”, explica Renan Heimbach, um dos promotores do Campo Grande Rock Festival.

No sábado (02/05), subiram ao palco Links, Worm Soup, Lutano, Rockfeller, Astronauta Elvis, Dimitri Pellz, Sing Soul Blues, Overmind, Hellraiser, Haiwanna e Muchileiros. Por contar com bandas mais presentes nos bares e casas noturnas, como Muchileiros, Haiwanna e Dimitri Pellz, este foi o dia de maior público do festival, com 306 pessoas du-



Foto: José Luiz Alves

Diversos - Los Rokaanilhas foram uma das 32 bandas participantes

rante as 11 horas de rock e blues. Para Bruno Damus, dono da SimWorks (soluções em Eventos), o rock está em evidente crescimento no Estado. “Não só as bandas, mas o donos de bares e produtores estão mais envolvidos com a cena rock”, anima-se Bruno, que viu o público diminuir novamente no domingo (03/05). Tanto pelo clima frio, chuvoso e pela concorrência com o show da banda Paralamas do Sucesso, o número de pessoas que passou pelo Toca, local onde foi realizado o festival, chegou a 170 pessoas.

Para Rodrigo Farina, baixista da banda Virtuose, que se apresentou no primeiro dia, o mais importante foi que todos souberam que aqui existem várias bandas boas e comprometidas com o rock. Farina torce pra que

esse festival “possa ser o 1º de muitos”. Ernani Almeida, apresentador do Campo Grande Rock Festival, analisou os três dias como “divisores de água” na história do rock and roll e do blues campo-grandense, além de também desejar que haja outras edições, com bandas de fora e com mais grupos musicais. Renan Heimbach lembra da inspiração para o evento, o festival Woodstock, ocorrido há 40 anos, nos Estados Unidos. “Nossa maior inspiração foi Woodstock, queríamos fazer algo parecido com ele”, comentou Heimbach que também se apresentou com a banda Old Barreiro como baterista.

Fechando o terceiro dia de shows, foi a vez de Dumattu, Beatles Maníacos, K-Noiz, Hollywood Cowboys, Thra-